

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — CARLOS JOSÉ DE SOUSA



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO V — Número 1.599

Quarta-feira, 13 de Fevereiro de 1924

PREÇO — 20 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia  
Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL  
TELEFONE — 5339-C

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

Propriedade da Confédération Générale du Travail

Editor — Carlos Maria Coelho

O Progresso não pode  
realisar-se sem Libe-  
rda. A ditadura, aten-  
tando contra a Libe-  
rda, é um agente de re-  
trocesso

## PELA LIBERDADE CONTRA A TIRANIA!

Ha neste momento em Portugal quem medite dar, sobre o corpo esquelético do povo, um sanguinário salto de tigre!

A podridão atrai os corvos e os aíbutres. Aves agourentas pairam no ambiente prontas a descer sobre o país moribundo.

O abutre é veloz no seu vôo e rápido na descida sobre a sua presa. O horizonte está toldado pela sombra das aves de rapina.

O bando é pequeno, mas voraz. É preciso afugentá-lo com decisão, porque já anda perto e baixo.

A vida do povo resume-se agora em dois instantes:

O de desânimo, que é a morte; o de revolta, que é a vida na sua exuberância máxima

O povo tem de decidir-se por um desses dois instantes:

De um nascerá a férrea Tirania; de outro, a rutilante Liberdade!

## CONTRA A DITADURA

Todas as consciências livres devem preparar-se para resistir à ameaça da violência e do crime

A reação militarista desencadeada pela guerra, a exalação mirifica do supremo poder da força bruta, exaltou diabolicamente meia dúzia de cabeças e animou meia dúzia de durindanas que por uma questão de conservação pessoal, prudentemente se abstiveram de luzinhas na Flandres ou nas plagas africanas. Como os gatos, que deslizam na sombra as pupilas assim estão as ambulâncias de muitos imbecis que no sombra espreitam ocasião para espestar todos os que amam a liberdade.

Os ditadores veem, aos cardumes de todos os lados. Há-os que fuzilaram politicamente e semestralmente se lhe rendendo-se a maior lance; há-os que desejam passar das emoções da roleta às emoções do poder; há os que querem sair da chaveta d'água do Marinho, para beber o sangue dos pais, no Terreiro do Paço; há os que veem do crime e que querem arredar a penitenciária transformando-se em perseguidores e inquisidores; há os que mostram os dentes em sorrisos duma requebrada feminilidade; desde os que manejam os sonetos aos que manejam as navalhas. São como dissemos aos cardumes. Há famílias interinas plejando num palpite pela ditadura como plejavam nos caminhos pela vinda da sorte grande. Ridículos, uns; imbecis outros; ambiciosos, todos. Uns só monárquicos por dentro e republicanos por fora; outros só republicanos por dentro e monárquicos por fora. Outros nem são republicanos, nem monárquicos. São apetites em perspectiva de grande banquete. Há os que tecem faro como os cães, manhã como as ranzozas, agilidade como os macacos.

Doidos, doidos maus, almas tórravas, crassas bestialidades, todos têm a ideia d'uma ideia cómica, uma obsessão ámica. A ditadura tornou-se o ideal dos corvos e dos assassinos. Querem matar, mas à sombra da lei e com todo o conforto do orçamento do Estado. Esses ditadores em candidatura não estão, como se julga, dispostos a jogar a vida para a imitação da ditadura. Jogam pela ditadura a vida dos outros. Se vencerm, vencerão com sangue alheio e depois fazem correr, impiedosamente o sangue dos vencidos.

A ditadura confia no exército; confia na inconsciência de pobres diabos roubados à vida rural, arrancados do arado dos campos e das serras e envolvidos bruscamente na atmosfera deletéria das casernas.

E na ignorância e na obediência cega que ela gera que confiam.

Essa ignorância está amontoadas nas casernas e sabe manejá-la as espingardas. O analfabetismo desses soldados tenta os sequelos da ditadura. O processo é clássico. Embrenca-se o povo para conseguir que ele dispare contra o povo. O processo é clássico e revela a cerebração monstruosa dos que manejam a ideia da ditadura.

A audácia dos seus partidários atingiu o supremo limite, já hoje se ouça dizer, nas colunas dos jornais que se deseja a ditadura. Se os moldes em que ela deve assentar não estão ainda definidos não é por falta de audácia, E' por falta de ideias próprias. Falou-se no Mussolini, fala-se no Rivera — mas não diz concretamente que iniciativas, que tecem faro como os cães, manhã como as ranzozas, agilidade como os macacos.

Doidos, doidos maus, almas tórravas, crassas bestialidades, todos têm a ideia d'uma ideia cómica, uma obsessão ámica. A ditadura tornou-se o ideal dos corvos e dos assassinos. Querem matar, mas à sombra da lei e com todo o conforto do orçamento do Estado. Esses ditadores em candidatura não estão, como se julga, dispostos a jogar a vida para a imitação da ditadura. Jogam pela ditadura a vida dos outros. Se vencerm, vencerão com sangue alheio e depois fazem correr, impiedosamente o sangue dos vencidos.

A ditadura confia no exército; confia na inconsciência de pobres diabos roubados à vida rural, arrancados do arado dos campos e das serras e envolvidos bruscamente na atmosfera deletéria das casernas.

E na ignorância e na obediência cega que ela gera que confiam.

Essa ignorância está amontoadas nas casernas e sabe manejá-la as espingardas. O analfabetismo desses soldados tenta os sequelos da ditadura. O processo é clássico. Embrenca-se o povo para conseguir que ele dispare contra o povo. O processo é clássico e revela a cerebração monstruosa dos que manejam a ideia da ditadura.

A audácia dos seus partidários atingiu o supremo limite, já hoje se ouça dizer, nas colunas dos jornais que se deseja a ditadura. Se os moldes em que ela deve assentar não estão ainda definidos não é por falta de audácia, E' por falta de ideias próprias. Falou-se no Mussolini, fala-se no Rivera — mas não diz concretamente que iniciativas, que tecem faro como os cães, manhã como as ranzozas, agilidade como os macacos.

Doidos, doidos maus, almas tórravas, crassas bestialidades, todos têm a ideia d'uma ideia cómica, uma obsessão ámica. A ditadura tornou-se o ideal dos corvos e dos assassinos. Querem matar, mas à sombra da lei e com todo o conforto do orçamento do Estado. Esses ditadores em candidatura não estão, como se julga, dispostos a jogar a vida para a imitação da ditadura. Jogam pela ditadura a vida dos outros. Se vencerm, vencerão com sangue alheio e depois fazem correr, impiedosamente o sangue dos vencidos.

A ditadura confia no exército; confia na inconsciência de pobres diabos roubados à vida rural, arrancados do arado dos campos e das serras e envolvidos bruscamente na atmosfera deletéria das casernas.

E na ignorância e na obediência cega que ela gera que confiam.

Essa ignorância está amontoadas nas casernas e sabe manejá-la as espingardas. O analfabetismo desses soldados tenta os sequelos da ditadura. O processo é clássico. Embrenca-se o povo para conseguir que ele dispare contra o povo. O processo é clássico e revela a cerebração monstruosa dos que manejam a ideia da ditadura.

A audácia dos seus partidários atingiu o supremo limite, já hoje se ouça dizer, nas colunas dos jornais que se deseja a ditadura. Se os moldes em que ela deve assentar não estão ainda definidos não é por falta de audácia, E' por falta de ideias próprias. Falou-se no Mussolini, fala-se no Rivera — mas não diz concretamente que iniciativas, que tecem faro como os cães, manhã como as ranzozas, agilidade como os macacos.

Doidos, doidos maus, almas tórravas, crassas bestialidades, todos têm a ideia d'uma ideia cómica, uma obsessão ámica. A ditadura tornou-se o ideal dos corvos e dos assassinos. Querem matar, mas à sombra da lei e com todo o conforto do orçamento do Estado. Esses ditadores em candidatura não estão, como se julga, dispostos a jogar a vida para a imitação da ditadura. Jogam pela ditadura a vida dos outros. Se vencerm, vencerão com sangue alheio e depois fazem correr, impiedosamente o sangue dos vencidos.

A ditadura confia no exército; confia na inconsciência de pobres diabos roubados à vida rural, arrancados do arado dos campos e das serras e envolvidos bruscamente na atmosfera deletéria das casernas.

E na ignorância e na obediência cega que ela gera que confiam.

Essa ignorância está amontoadas nas casernas e sabe manejá-la as espingardas. O analfabetismo desses soldados tenta os sequelos da ditadura. O processo é clássico. Embrenca-se o povo para conseguir que ele dispare contra o povo. O processo é clássico e revela a cerebração monstruosa dos que manejam a ideia da ditadura.

A audácia dos seus partidários atingiu o supremo limite, já hoje se ouça dizer, nas colunas dos jornais que se deseja a ditadura. Se os moldes em que ela deve assentar não estão ainda definidos não é por falta de audácia, E' por falta de ideias próprias. Falou-se no Mussolini, fala-se no Rivera — mas não diz concretamente que iniciativas, que tecem faro como os cães, manhã como as ranzozas, agilidade como os macacos.

Doidos, doidos maus, almas tórravas, crassas bestialidades, todos têm a ideia d'uma ideia cómica, uma obsessão ámica. A ditadura tornou-se o ideal dos corvos e dos assassinos. Querem matar, mas à sombra da lei e com todo o conforto do orçamento do Estado. Esses ditadores em candidatura não estão, como se julga, dispostos a jogar a vida para a imitação da ditadura. Jogam pela ditadura a vida dos outros. Se vencerm, vencerão com sangue alheio e depois fazem correr, impiedosamente o sangue dos vencidos.

A ditadura confia no exército; confia na inconsciência de pobres diabos roubados à vida rural, arrancados do arado dos campos e das serras e envolvidos bruscamente na atmosfera deletéria das casernas.

E na ignorância e na obediência cega que ela gera que confiam.

Essa ignorância está amontoadas nas casernas e sabe manejá-la as espingardas. O analfabetismo desses soldados tenta os sequelos da ditadura. O processo é clássico. Embrenca-se o povo para conseguir que ele dispare contra o povo. O processo é clássico e revela a cerebração monstruosa dos que manejam a ideia da ditadura.

A audácia dos seus partidários atingiu o supremo limite, já hoje se ouça dizer, nas colunas dos jornais que se deseja a ditadura. Se os moldes em que ela deve assentar não estão ainda definidos não é por falta de audácia, E' por falta de ideias próprias. Falou-se no Mussolini, fala-se no Rivera — mas não diz concretamente que iniciativas, que tecem faro como os cães, manhã como as ranzozas, agilidade como os macacos.

Doidos, doidos maus, almas tórravas, crassas bestialidades, todos têm a ideia d'uma ideia cómica, uma obsessão ámica. A ditadura tornou-se o ideal dos corvos e dos assassinos. Querem matar, mas à sombra da lei e com todo o conforto do orçamento do Estado. Esses ditadores em candidatura não estão, como se julga, dispostos a jogar a vida para a imitação da ditadura. Jogam pela ditadura a vida dos outros. Se vencerm, vencerão com sangue alheio e depois fazem correr, impiedosamente o sangue dos vencidos.

A ditadura confia no exército; confia na inconsciência de pobres diabos roubados à vida rural, arrancados do arado dos campos e das serras e envolvidos bruscamente na atmosfera deletéria das casernas.

E na ignorância e na obediência cega que ela gera que confiam.

Essa ignorância está amontoadas nas casernas e sabe manejá-la as espingardas. O analfabetismo desses soldados tenta os sequelos da ditadura. O processo é clássico. Embrenca-se o povo para conseguir que ele dispare contra o povo. O processo é clássico e revela a cerebração monstruosa dos que manejam a ideia da ditadura.

A audácia dos seus partidários atingiu o supremo limite, já hoje se ouça dizer, nas colunas dos jornais que se deseja a ditadura. Se os moldes em que ela deve assentar não estão ainda definidos não é por falta de audácia, E' por falta de ideias próprias. Falou-se no Mussolini, fala-se no Rivera — mas não diz concretamente que iniciativas, que tecem faro como os cães, manhã como as ranzozas, agilidade como os macacos.

Doidos, doidos maus, almas tórravas, crassas bestialidades, todos têm a ideia d'uma ideia cómica, uma obsessão ámica. A ditadura tornou-se o ideal dos corvos e dos assassinos. Querem matar, mas à sombra da lei e com todo o conforto do orçamento do Estado. Esses ditadores em candidatura não estão, como se julga, dispostos a jogar a vida para a imitação da ditadura. Jogam pela ditadura a vida dos outros. Se vencerm, vencerão com sangue alheio e depois fazem correr, impiedosamente o sangue dos vencidos.

A ditadura confia no exército; confia na inconsciência de pobres diabos roubados à vida rural, arrancados do arado dos campos e das serras e envolvidos bruscamente na atmosfera deletéria das casernas.

E na ignorância e na obediência cega que ela gera que confiam.

Essa ignorância está amontoadas nas casernas e sabe manejá-la as espingardas. O analfabetismo desses soldados tenta os sequelos da ditadura. O processo é clássico. Embrenca-se o povo para conseguir que ele dispare contra o povo. O processo é clássico e revela a cerebração monstruosa dos que manejam a ideia da ditadura.

A audácia dos seus partidários atingiu o supremo limite, já hoje se ouça dizer, nas colunas dos jornais que se deseja a ditadura. Se os moldes em que ela deve assentar não estão ainda definidos não é por falta de audácia, E' por falta de ideias próprias. Falou-se no Mussolini, fala-se no Rivera — mas não diz concretamente que iniciativas, que tecem faro como os cães, manhã como as ranzozas, agilidade como os macacos.

Doidos, doidos maus, almas tórravas, crassas bestialidades, todos têm a ideia d'uma ideia cómica, uma obsessão ámica. A ditadura tornou-se o ideal dos corvos e dos assassinos. Querem matar, mas à sombra da lei e com todo o conforto do orçamento do Estado. Esses ditadores em candidatura não estão, como se julga, dispostos a jogar a vida para a imitação da ditadura. Jogam pela ditadura a vida dos outros. Se vencerm, vencerão com sangue alheio e depois fazem correr, impiedosamente o sangue dos vencidos.

A ditadura confia no exército; confia na inconsciência de pobres diabos roubados à vida rural, arrancados do arado dos campos e das serras e envolvidos bruscamente na atmosfera deletéria das casernas.

E na ignorância e na obediência cega que ela gera que confiam.

Essa ignorância está amontoadas nas casernas e sabe manejá-la as espingardas. O analfabetismo desses soldados tenta os sequelos da ditadura. O processo é clássico. Embrenca-se o povo para conseguir que ele dispare contra o povo. O processo é clássico e revela a cerebração monstruosa dos que manejam a ideia da ditadura.

A audácia dos seus partidários atingiu o supremo limite, já hoje se ouça dizer, nas colunas dos jornais que se deseja a ditadura. Se os moldes em que ela deve assentar não estão ainda definidos não é por falta de audácia, E' por falta de ideias próprias. Falou-se no Mussolini, fala-se no Rivera — mas não diz concretamente que iniciativas, que tecem faro como os cães, manhã como as ranzozas, agilidade como os macacos.

Doidos, doidos maus, almas tórravas, crassas bestialidades, todos têm a ideia d'uma ideia cómica, uma obsessão ámica. A ditadura tornou-se o ideal dos corvos e dos assassinos. Querem matar, mas à sombra da lei e com todo o conforto do orçamento do Estado. Esses ditadores em candidatura não estão, como se julga, dispostos a jogar a vida para a imitação da ditadura. Jogam pela ditadura a vida dos outros. Se vencerm, vencerão com sangue alheio e depois fazem correr, impiedosamente o sangue dos vencidos.

A ditadura confia no exército; confia na inconsciência de pobres diabos roubados à vida rural, arrancados do arado dos campos e das serras e envolvidos bruscamente na atmosfera deletéria das casernas.

E na ignorância e na obediência cega que ela gera que confiam.

Essa ignorância está amontoadas nas casernas e sabe manejá-la as espingardas. O analfabetismo desses soldados tenta os sequelos da ditadura. O processo é clássico. Embrenca-se o povo para conseguir que ele dispare contra o povo. O processo é clássico e revela a cerebração monstruosa dos que manejam a ideia da ditadura.

A audácia dos seus partidários atingiu o supremo limite, já hoje se ouça dizer, nas colunas dos jornais que se deseja a ditadura. Se os moldes em que ela deve assentar não estão ainda definidos não é por falta de audácia, E' por falta de ideias próprias. Falou-se no Mussolini, fala-se no Rivera — mas não diz concretamente que iniciativas, que tecem faro como os cães, manhã como as ranzozas, agilidade como os macacos.

Doidos, doidos maus, almas tórravas, crassas bestialidades, todos têm a ideia d'uma ideia cómica, uma obsessão ámica. A ditadura tornou-se o ideal dos corvos e dos assassinos. Querem matar, mas à sombra da lei e com todo o conforto do orçamento do Estado. Esses ditadores em candidatura não estão, como se julga, dispostos a jogar a vida para a imitação da ditadura. Jogam pela ditadura a vida dos outros. Se vencerm, vencerão com sangue alheio e depois fazem correr, impiedosamente o sangue dos vencidos.

A ditadura confia no exército; confia na inconsciência de pobres diabos roubados à vida rural, arranc

## ESCOLAS PRIMARIAS SUPERIORES

### Propaganda sindical

#### Em Faro

O Século, dia 10, na correspondência do Porto, e com esta mesma engraçada, informa-nos, resumidamente, do que se passou entre uma comissão de professores das escolas do norte do país, e o sr. ministro da Instrução, que se acha, ou se achava, naquela capital.

A não ter havido equívoco de parte do correspondente de *O Século*, não é injustiça que se faz ao dr. sr. António Sérgio, afirmando aqui que este senhor parece ter refletido sobre a matéria ofensiva, para os professores das E. P. S., os considerando em que fundamento o decreto imorredouro com que extinguiu os únicos institutos que a república havia estabelecido para complemento da instrução e educação dos filhos dos proletários. Todos sabem que os filhos dos pobres depois de saírem das escolas primárias elementares não possuem recursos para poderem frequentar estabelecimentos de instrução secundária ou especial.

Era nessas escolas que os desfavorados da fortuna encontravam gratuitamente e com um ensino bem formado, pondo de parte a «brutalidade» (é o termo) dos programas, um complemento indispensável aos seus conhecimentos instrutivos para chegarem a ser artífices conscientes e não como simples automatas, como são sempre os ignorantes.

Mas, talvez por atavismo, herdado do tempo da monarquia, os ministros da instrução nacional, com raras exceções, desta república «democrática», têm olhado unicamente com acentuado carinho para a instrução dos ricos, e esmagado sem piedade (porque o ensino agora é «encontro»...) a escola popular, subtraindo-lhe todas as garantias que pudessem engrandecê-la.

E foi assim que o sr. António Sérgio, deixando a sua cadeira progressista de um dos principais ornamentos da *Seira Nova* — essa sublime instituição a que eu tanto desejar pertencer se não fosse velho e tivesse méritos para tanto — e assentando-se, talvez, na luxuosa poltrona onde se recostava o grande ditador João Ferreira Franco, Pinto Castelo Branco, lavrou o decreto-italia que, acaba, de uma só vez, com todas as escolas que outro ministro republicano tinha estabelecido em terras importantes desse analfabeto Portugal, para instrução desenvolvida dos ilícos e cidadãos, que não tiveram recursos bastantes para frequentarem liceus!...

Teremos de voltar ao regime das cartas?...

Parce, porém, que o movimento de protesto das classes trabalhadoras, ligado às das comissões dos professores desqualificados por esse arrojado decreto, fez vacilar por um momento o energético ministro, e o sr. António Sérgio levantando-se de improviso da poltrona do ditador e assentando-se, apressadamente, na luxuosa poltrona onde se recostava o grande ditador João Ferreira Franco, Pinto Castelo Branco, lavrou o decreto-italia que, acaba, de uma só vez, com todas as escolas que outro ministro republicano tinha estabelecido em terras importantes desse analfabeto Portugal, para instrução desenvolvida dos ilícos e cidadãos, que não tiveram recursos bastantes para frequentarem liceus!...

Apela para que tirem as conclusões que quizerem das suas palavras e mais uma a de que deseja que sejam homenageados.

Fala sobre as prisões na Espanha, reacionária, dos camaradas Manuel J. de Sousa e Campos, lavrando o seu protesto e pedindo para que a assembleia tome em consideração esse assunto.

### Os que morrem

#### José Duarte Serra

Faleceu ontem José Duarte Serra, tipógrafo do jornal *Diário de Notícias*. O seu funeral realiza-se hoje pelas 15 horas, na sua residência, Calçada da Tapada (prédio fronteiro à rua Jau, para o cemitério da Ajuda).

É fóli deserto por isso que declarou, na qualidade de Ministro da Instrução, à «comissão de defesa das Escolas Primárias Superiores (zona norte) não terido o propósito de ferir a prestimosa classe dos professores primários superiores, nem iam pouco de extinguir este gênero de ensino».

E informou mais o sr. ministro que uma maneira interessante e verdadeiramente moral de fazer economia no seu ministério seria restituir as escolas de ensino primário a sua primordial função, actualmente exercida pelos liceus, que para o ensino da instrução secundária ocupam uma enorme quantidade de professores agregados e provisórios, o que constitui para o orçamento do Estado um encargo bem mais pesado do que o da sustentação das E. P. S. Sobre este ponto falaremos no artigo a seguir.

D. M. C.  
Assinante n.º 117.6

### Rússia e Alemanha

As comunicações entre os dois países

MOSCÓVIA, 12. — O comissário do povo para os Correios e Telégrafos ordenou os créditos necessários para o estabelecimento de ligação direta rádio-telefónica entre Moscova e Berlim.

### SOCIEDADES DE RECREIO

Núcleo Portugal Sports e Recreio. — Realiza-se hoje, neste clube uma pequena festa inter-sócios, para comemoração do 3º aniversário, constando dum «bebêterre», concerto pela troupe de bandolinistas do Clube e valaudreiros.

### SEÇÃO TELEGRÁFICA

#### Federações

#### MOBILIÁRIA

Braga. — S. U. Mobiliário. — Recebemos vale. Logo que se normalise o serviço dos correios enviaremos recibo. Desde 20 de Janeiro que não recebemos ofícios daí.

### OURIVESARIA E JOALHERIA

#### Santos Catita, Ld.

#### R. de Santo Antônio, 44

#### R. da Boa Vista, 22

GRANDE sortido em joias com pedras finas, objectos de ouro e prata, para brindes e relógios das melhores marcas. Compram por alto preço ouro, prata, platina e joias.

### Sindicato Único da Indústria Téxtil

As direções da Associação de Classe dos Operários Tecidos de Seda e Associação de Classe dos Manufactores de Tecidos (União Téxtil) convidam por este meio as direções da Associação de Classe dos Tintureiros e Estampadores e Associação de Classe dos Cordoeiros e Linheiros a comparecerem amanhã quinta-feira pelas 21 horas na Praça das Amoreiras, n.º 4, 1.º para se tratar da organização do Sindicato Único Téxtil.

# A BATALHA

### EDEN TEATRO

HOJE — Exito — HOJE

### Últimas

da célebre mágica

### A Pera de Satanaz

que sai da cena em pleno

### BREVEMENTE

a opereta em 3 actos

### O CARA LINDA

### TEATRO NACIONAL

### 40 — MAGNÍFICOS CAVALOS — 40

apresentados pelo exímio professor Mr. ORLANDO

e todas as atrações da melhor e mais completa

### COMPANHIA DE CIRCO

que se tem apresentado em Portugal

AMANHÃ — GRANDIOSA MATINÉE — Bilhetes à venda

### CÓLISEU DOS RECREIOS

HOJE — A's 21 horas (9 da noite) — HOJE

GRANDIOSO E SENSACIONAL PROGRAMA

em homenagem aos srs. Congressistas da Imprensa Latina que em camarotes assistem ao espectáculo

Extraordinário êxito do emocionante número

### O TORPEDO CATIVO

A última novidade de círco

40 — MAGNÍFICOS CAVALOS — 40

apresentados pelo exímio professor Mr. ORLANDO

e todas as atrações da melhor e mais completa

### COMPANHIA DE CIRCO

que se tem apresentado em Portugal

AMANHÃ — GRANDIOSA MATINÉE — Bilhetes à venda

### TEATRO

### NACIONAL

HOJE

RECITA DA MODA

DE

### Pasteleiro

### Madrigal

Telephone Norte 3043

## Vida Sindical

### C. G. I.

#### Comité confederal

Reúne hoje, pelas 13 horas imprevisivelmente, o comité confederal

#### COMUNICAÇÕES

S. U. da C. Civil. — Secção profissional dos Mecânicos em Madeira.

Tendo chegado ao conhecimento da direção, que o serrador da máquina de relhos da Carpintaria Mecânica Portuguesa, António Rodrigues, deixou de trabalhar na sua máquina para ir fazer horas extraordinárias na serraria da fábrica, lembra-se à comissão de fiscalização do horário de trabalho que tal facto não deve persistir, desligando esta direção das consequências que o gesto irrefletido daquele indivíduo possa originar.

Operários Alfaiates. — Comissão de Melhoramentos. — Reuniu esta comissão que tratou desenvolvidamente os trabalhos a efectuar para o levantamento da classe, resolvendo enviar uma circular aos sindicados em ocasião de serem pagas as subvenções em atraso, resolvendo convocar a classe a reunião de 20 de Março, para que se realize a votação da alteração da hora de trabalho e da transformação da sociedade, habilitando-se a, em todo o momento, estarem aptos para receber esta quarta-feira a parada e animar peças de género comicamente alegre.

O diretor, em geral, continua pretendendo inteira justiça à revista «Fruto Proibido», em cena no Apolo, e assim que tanto os lugares da plateia, como as frissas e camarotes se vêem, todas as noites, repletos de espectadores. Hoje repete-se a revista «Fruto Proibido», que é o maior êxito teatral da actualidade.

Carpinteiros de Longo Curso. —

Reuniu conjuntamente as comissões administrativa e de melhoramentos e o conselho fiscal, deliberando continuar a propaganda sindical para o levantamento da classe e insistir com o sr. ministro da Marinha, para que não conste a matrícula de navios sem carpinteiros, garantindo assim melhoras de vida e haveres.

No mesmo sentido foi resolvido também fazer «démarches» junto dos capitães de longo curso.

Impressores Tipográficos. — A comissão proibidiana na sua reunião de ontem, resolviu reunir todos os dias às 21 horas, na sede sindical, afim de ultimar os preparativos para a festa.

S. U. Metalúrgico. — Reuniu a comissão administrativa que deliberou corresponder ao apelo da Federação Marítima e enviar 100 escudos para os marítimos de Cazimbra e fazer um apelo à classe afim de serem abertas no próximo sábado subscrições para os grevistas em todas as oficinas.

Secção dos Estudantes. — Reuniu hoje, às 20 horas, em conjunto a comissão de festa de auxílio a Eduardo de Oliveira e a comissão do grupo dramático.

Sindicato Único da Construção Civil. — Reuniu hoje, às 20 horas, a comissão administrativa, para se ocupar do relatório moral que precederá o relatório financeiro de 1923 a apresentar à assembleia geral que se realiza amanhã, pelas 20 horas, na sede social, rua da Madalena, 225, 1.º.

Atendendo à importância do assunto a debater, é de esperar que todo funcionalismo municipal cumpra o seu dever comparecendo nesta assembleia.

Sindicato Único da Construção Civil. — Reuniu hoje, às 20 horas, a comissão administrativa, para se ocupar do relatório moral que precederá o relatório financeiro de 1923 a apresentar à assembleia geral que se realiza amanhã, pelas 20 horas, na sede social, rua da Madalena, 225, 1.º.

Funcionários do Município. — A direção, reunida ontem extraordinariamente, constatando ter resultado intuito das tódas as suas «démarches» no sentido de serem pagas as subvenções em atraso, resolvendo convocar a classe a reunião de 20 de Março, para que se realize a votação da alteração da hora de trabalho.

Sindicato dos Serventes. — Ficou adiada para amanhã, às 21 horas, a reunião de comité administrativa.

Secção dos Mecânicos. — Foi adiada para amanhã, às 20 horas, a reunião de comité administrativa.

Secção dos Estudantes. — Reuniu hoje, às 20 horas, em conjunto a comissão de festa de auxílio a Eduardo de Oliveira e a comissão do grupo dramático.

Sindicato Único Mobiliário. — Reuniu hoje, às 20,30, em conjunto a comissão administrativa transacta e a ultimamente nomeada.

Deverem comparecer os que ainda não tomaram posse e os cobradores das oficinas para prestar contas das respectivas cobranças.

Manufactores de Calçado. — Reuniu hoje, às 20 horas, todos os operários da Fábrica de Calçado «Elite».

Juridicamente não foi provada a acusação que impõe sobre o réu, pois durante a audiência não houve uma testemunha que afirmasse ter sido Jaime da Fonseca quem alevou o industrial Dargent.

O dr. Mário Monteiro, que foi o defensor de Jaime da Fonseca, não teve muito trabalho para ditar ao juiz a sua acusação de que o acusado seria absolvido, mas lá estava, na consciência da maioria dos jurados, a impressão de que Jaime da Fonseca foi condenado.

Juridicamente não foi provada a acusação que impõe sobre o réu, pois durante a audiência não houve uma testemunha que afirmasse ter sido Jaime da Fonseca quem alevou o industrial Dargent.

As reclamações a formular por aquele dia são as seguintes: horário de trabalho de 8 horas nas padarias e os salários de 2500 para caixeiros, 2400 para fornecedores e ambuladores, 1800 para ajudantes e 1500 para moços de oficina.

Reclamam mais os distribuidores de pão ao dílio, que é mal colocado, desde que o advogado de defesa tem de compreender o tribunal que era inteiramente impossível que ele, estando de serviço na referida avenida, pudesse observar o que se passava na travessa do Conde da Ponte.

O dr. Mário Monteiro, que foi o defensor de Jaime da Fonseca, não teve muito trabalho para ditar ao juiz a sua acusação de que Jaime da Fonseca foi condenado.

As reclamações a formular por aquele dia são as seguintes: horário de trabalho de 8 horas nas padarias e os salários de 2500 para caixeiros, 2400 para fornecedores e ambuladores, 1800 para ajudantes e 1500 para moços de oficina.

Reclamam mais os distribuidores de pão ao dílio, que é mal colocado, desde que o advogado de defesa tem de compreender o tribunal que era inteiramente impossível que ele, estando de serviço na referida avenida, pudesse observar o que se passava na travessa do Conde da Ponte.

O dr. Mário Monteiro, que foi o defensor de Jaime da Fonseca, não teve muito trabalho para ditar ao juiz a sua acusação de que Jaime da Fonseca foi condenado.

As reclamações a formular por aquele dia são as seguintes: horário de trabalho de 8 horas nas padarias e os salários de 2500 para caixeiros, 2400 para fornecedores e ambuladores, 1800 para ajudantes e 1500 para moços de oficina.

Reclamam mais os distribuidores de pão ao dílio, que é mal colocado, desde que o advog

## CRÓNICA DO PORTO

## A questão das carnes

Cria-se uma comissão abastecedora de carnes para abastecer os cofres dos abastados «galifões». — A saúde pública está «veterinária» mente, bem zelada...

PORTO, 11. — No «lombo nutritíssimo» da nossa Câmara Municipal, encontra-se, há meses, uma inchada Comissão de Abastecimento de Carnes.

A sua espectacular criação obedece à falácia camarária dos negócios diretos da alimentação carnívora da cidade e aos pruridos encobertos de um encapotado monopólio da alta marchandaria... alias representada no círculo da dita comissão...

O Porto estava quase sempre sem carne; os preços destas eram constantemente modificados para upa, isto é, para o alto...

A comissão, mediante uma percentagem para as suas despesas, iria remunerar o mal, em benefício exclusivo... do consumidor...

Os cortadores de carnes verdes, que naquele momento estavam em greve, mais por uma questão moral do que material, visto que se rebelavam contra uma tentativa de monopólio das Companhias Nacionais de Talhos e Utilidade Doméstica, pelo menos — publicamente — previram que a tal... Comissão bavia de se constituir num ósso duro de roer...

Fórum, na verdade, previdentes e fatalistas de mais... Tudo quanto sucedeu, tudo saiu certo...

A Comissão Abastecedora de Carnes proclamou-se ditadora.

E, girando à volta da sua ditadura, muito amuadiadas vezes decretou um novo agravamento no custo das carnes... pois que reconheceu estar a marchandaria em bem precárias circunstâncias, merecendo os ingentes prejuízos... em benefício do público...

Há quem sustente, tendenciosamente, que a marchandaria nada em dinheiro. E' falso...

A Sociedade Portuense, L. T., conta 15 «galifões» — termo-calão por que são designados, pela classe dos cortadores, os associados de semelhantes empresas

carniceiras... Aquela Sociedade reuniu, há umas duas semanas, em assemblea geral. Nessa assemblea apresentou os ganhos e perdas da negociação:

«Porque não há-de reconhecer as classes e outras razões e proteger estas classes quando possuimos os necessários elementos?»

«Julgamos que todos vivem na opulência, como suas ex...? Ora eu queria demonstrar-lhes que não these signo as pásadas e que no meu estabelecimento vendei mais barão \$60 à carne...»

Assim aconteceu, não sabendo quem o s. o. e o r. Coelho e outros podem vender mais em conta \$60 — até \$80 — o quilo, e os outros, os «apadrinhados» da Comissão, não o podem fazer...

Mas como tudo isto não seja o bastante; mas como, afinal, não tem s. o. e o r. Coelho no mesmo pé de igualdade — oh festas! — a nossa rationa Comissão de Abastecimento de Carnes, resolvem, com toda a sua ditatorial acentuação, aumentar mais uma vez ao custo da carne... para que o público pobre se veja totalmente impossibilitado de roer aquela tecido muscular... se bem que, como vantagem, também esteja impossibilitado de morrer entoxicado...

A razão é simples: No mataadouro municipal há três veterinários, além de não sabemos quantos ajudantes. Apesar desse doto pesado e talvez devido a ele ter muitos afazeres particulares, a inspeção do gado é feita por um magarefe — salvo erro ou omissão...

Assim sendo, tem acontecido que a carne dada, pelos veterinários municipais, é própria para consumo, e depois, nos estabelecimentos, reeditada por outros veterinários «particulares»... E a que escapa à análise proficiente?

A bolsa e a saúde pública estão em muito má conta...

Isto vai tudo num siso... da inteligente Comissão...

Anda Zé, paga e não bufes... E é já assim procede... O parvajola.

Depois daquele sr. concordar que a classe média também, sobre bastante a anormalidade da situação presente

classe abastada?

Assim, é que a carne podia vender mais barato \$60 em quilo. Foi o que se deu em 15 de maio findo...

Elaborou essa tabela iam porcamente, que obrigou o sr. Artur Coelho a vir à estacada com esta formidável repreensão: «A tabela dos preços da carne, posta hoje em execução, é qual a elaborou a Comissão, foi um aleijão como todos os antecedentes, foi uma montanha que deu à luz um raihão... Não viram ou não queriam ver? ex... o momento crítico que a classe média e o povo trabalhador atravessam, elevando o preço da carne que essas classes consomem em igual quantia a que é consumida pelas classes abastadas?»

Depois daquele sr. concordar que a classe média também, sobre bastante a anormalidade da situação presente

classe abastada?

Assim, é que a carne podia vender mais barato \$60 em quilo. Foi o que se deu em 15 de maio findo...

Para esta situação degradante não tem contribuído simplesmente a desmunda ganância do industrialismo, afinal, a segunda exacerbação do comércio.

A indiferença criminosas, a covardia envolvendo dos corticeiros do Porto e Gaia é que os arremessou para as mais lamentáveis condições de inferioridade em relação a muitas classes operárias.

Pode dizer-se que os corticeiros não estão organizados. Tem uma serção sindical que não regista nos seus cadernos uma trinta de filiados.

Deste censurável desleixo, desta desastrada desorganização sindical, desse estupido alheamento dos corticeiros pelos seus próprios interesses morais e materiais, maravilhosamente se tem a menor resistência, com a mais absoluta liberdade, praticam toda a sorte de explorações e de violências.

Foi neste estado incomparávelmente exótico, que o delegado da Federação Corteira, vindos do Castelo Branco, os veio encontrar...

A Associação Industrial Portuguesa (secção corteira), com sede no capital, deliberara últimamente conceder 20% de aumento nos salários dos trabalhadores corticeiros.

E' costume todos os industriais do país cumprirem as resoluções daquela colectividade patronal. Porém, os industriais do Porto e Gaia queriam, neste momento, o que mais se tornava necessário: reclamar do governo as facilidades de transporte. Merce dos caminhos de ferro não possuem o indispensável material circulante correspondente às necessidades do país, de todos os corticeiros, grande coisa seria...

Um homem por conta da casa tem média de \$700 ou seja \$4200.

Por aqui só pode avaliar a miséria de classe dos corticeiros, a qual, ainda para maior desgraça, trabalha 10 horas, quando não mais. Para arrancarem a usura industrial aqueles escarnecidos ordenadores, os corticeiros precisam de traçar o horário das oito horas.

O elemento feminino, então, é mais vítima ainda da exploração patronal: como o dinheiro é muito, desfalcam-no com o peso das multas...

O industrial que respondeu à circular das reclamações, deu a entender que, neste momento, o que mais se tornava necessário é reclamar do governo.

Aparte um patrão, que teve a gentileza de dar uma resposta à enfadada secção sindical dos corticeiros, os outros, confiantes na desmoralização da classe dos seus assalariados, brilharam

sortilégios. Finalmente, um pesar torturava-lhe o coração: tinha metido, segundo o seu costume, no cinto das bragas, a foicinha de ouro e a campainha de bronze, provenientes de Héna e de seu pai Guilherm, bem como os delgados rolos de pele curtida, contendo as narrações de sua família. Vendo-se inevitavelmente destinado a morrer, pensava com certeza que estas devotas relíquias, bem depressa ficariam dispersas na areia ensanguentada da arena, em lugar de serem transmitidas à sua descendência, segundo a esperança de seu avô Joel, o brenn de tribo de Kaenak...

O carcereiro, que, uma vez por dia trezia a Sylvest a comida, era um soldado inválido, antigo arqueiro cretense, tão fátor como um gaulês, diria o bom Joel. Este carcereiro, velho habituado aos combates do circo, e endurecido naquele espetáculo, conversava sempre com Sylvest durante a comida, e isto sem má intenção, a respeito do número e ferocidade dos animais, que o seu amigo e companheiro, o bestiário em chefe, vigiava. Na véspera do espetáculo sanguinolento, disse ao escravo com uma inflexão paternal:

— Ah! meu filho, acaba de nos chegar um soberbo par de leões da África; eu logo me lembrei de ti, porque o meu bom amigo, o bestiário em chefe, nunca viu animais tão ferozes. Quatro léguas distante daí, numa pousada, um desses leões depois de se ter saciado de carne, por pura malícia, fez em postas o seu guarda árabe, com o qual já de há muito estava habituado, e que confiava nele em demasia. O que não será pois amanhã, quando eles se virem privados de sustento durante um dia inteiro? Assim, meu filho, desejo que caias debaixo das garras de um destes sujeitinhos, porque então não terás que sofrer muito... Sobretudo, peço-te, porque a tua mocidade me interessa, que te lembras disto... Não imites aqueles desastrados que, logo ao soltar das feras no anfiteatro, se deitam de bruços, e apresentam as costas em lugar do ventre... Desastrados! a agonia deles e o seu suplício duram cem vezes mais; tu vais saber porque: não sendo atacados logo nas partes mais delicadas do corpo, a morte é mais

lenta... quando pelo contrário, se morre mais depressa pondo-se a gente, não esqueças isto, meu filho, pondo-se a gente de joelhos em frente do leão ou do tigre, com a garganta e peito ao alcance dos seus dentes; é melhor antes ser estrangulado ou ficar com as tripas de fora logo a primeira vez...

— O conselho é bom; recordar-me-hei dele... Mas lembra-te, meu filho, que ajoelhar assim, em frente da fera, não convém senão no encontro dos tigres ou dos leões... Se se trata de um elefante, a manobra é contrária.

— Também haverá elefantes nesta função romana? Não julgava que houvesse em Orange desses animais.

— Os édios, querendo tornar o espetáculo de amanhã sem igual na Gallia romana, fizeram para isso grandes despesas; compraram o elefante do combate do círculo de Nimes; dizem que é feroz, e chegou há muitos dias. Por Jupiter! ainda não é tudo, porque os nossos veneráveis édios fazem as coisas imperialmente; também haverá um combate extraordinário, que não vi senão duas vezes em minha vida, uma em Roma, e outra em Alexandria, no Egypto.

— E esse combate extraordinário, qual é ele?

— Antes de te falar disso, meu filho, deixa-me ensinar-te um excelente preceito. Em quanto ao elefante, se o vés vir furioso direito a ti, procura fugir-lhe da tromba, põe-te de bruços, introduz-te por baixo dele, e agarra-te a uma das suas pernas... imediatamente pisar-te-ha para se desembalar de ti; ora, dentro em um instante te quebrará os ossos, e achatar-te-ha do mesmo modo que tu esmagarias um caracol debaixo do teu sapato...

— Procurei dirigir-me de preferência aos elefantes; com eles há mais probabilidade de morrer depressa.

— Certamente! mas é preciso teres o desembalar necessário para seres um dos primeiros que fiques ao seu alcance; ele há de ser muito procurado, e logo a sua aparição na arena verás todos os escravos condenados a morte...

— Sim, meu pai levava-o armado de ponto em branco em cima do cavalo...

— Tu dizes a verdade; eu estava ali quando os cavaleiros numidas chegaram em socorro de César, a quem

## QUEIXAS E RECLAMAÇÕES

## Justificando uma atitude

Do governo civil, calabouço n.º 7, escreve-nos o operário pintor da construção civil, Henrique Inácio de Mesquita, para nos contar o seguinte:

Como se encontrasse sem trabalho, acionou o oferecimento que lhe fez Júlio Ferreira, morador na rua Saraiva de Carvalho, para trabalhar numa obra com o salário de 20\$00. Passados quatro dias; Júlio Ferreira propôs-lhe a sociedade no trabalho, o que aceitou, tendo-lhe dito que ajustara a obra por 1.140\$00. Dias depois, precisando de dinheiro, dirigiu-se a Júlio Ferreira para que passasse um recibo de 150\$00; indo ao patrão com o recibo, este negou-se a pagar, vendo então a saber que a obra fôr justa por 300\$00.

Henrique Mesquita, encontrando-se com o Júlio, fez-lhe ver que o tinha iludido e por isso desistiu do trabalho exigindo-lhe de indemnização 10 dias de salário, o que o Júlio se negou a satisfazer, ameaçando-o ainda. Tendo no mesmo dia novo encontro com o Júlio Ferreira fizesse um gesto de ameaça.

Na enfermaria de Santo Onofre do mesmo hospital deu entrada José Marques, Páixão, corticeiro, residente na Largo da Lage, pátio do Tenente aos Olivais, que na fábrica da Matinha foi colhido por um fardo de cortiça, ficando contuso nas costas.

Na enfermaria de Santo Alberto deu ontem entrada Joaquim Mendes, carpinteiro, natural de Arouca, residente na travessa Ilha do Grilo, 2. loja, que na rua da Manutenção do Estado é um dos grandes armazéns que juntamente vendem tudo caro, como se não lhe percebemos o jôgo e os não vissos gordos que nem usavam.

Na sala de observações do banco do hospital de São José deu ontem entrada Salvador Joaquim Gregório, jornaleiro, natural do Sobral de Monjardim e residente na quinta do Jacome, aos Olivais, que ali foi colhido pelo varal da carroça de que guia, fraturando o braço esquerdo.

Na sala de observações do banco do hospital de São José deu ontem entrada Salvador Joaquim Gregório, jornaleiro, natural do Sobral de Monjardim e residente na quinta do Jacome, aos Olivais, que ali foi colhido pelo varal da carroça de que guia, fraturando o braço esquerdo.

Entretanto, manteve a reação funesta para o paciente, tendo aferido que a sua perna direita deitada, com o joelho direito, não produz, exigindo-lhe de indemnização 10 dias de salário, o que o Júlio se negou a satisfazer, ameaçando-o ainda. Tendo no mesmo dia novo encontro com o Júlio Ferreira fizesse um gesto de ameaça.

Na enfermaria de Santo Alberto deu ontem entrada Joaquim Mendes, carpinteiro, natural de Arouca, residente na travessa Ilha do Grilo, 2. loja, que na rua da Manutenção do Estado é um dos grandes armazéns que juntamente vendem tudo caro, como se não lhe percebemos o jôgo e os não vissos gordos que nem usavam.

Na enfermaria de Santo Alberto deu ontem entrada Joaquim Mendes, carpinteiro, natural de Arouca, residente na travessa Ilha do Grilo, 2. loja, que na rua da Manutenção do Estado é um dos grandes armazéns que juntamente vendem tudo caro, como se não lhe percebemos o jôgo e os não vissos gordos que nem usavam.

Na enfermaria de Santo Alberto deu ontem entrada Joaquim Mendes, carpinteiro, natural de Arouca, residente na travessa Ilha do Grilo, 2. loja, que na rua da Manutenção do Estado é um dos grandes armazéns que juntamente vendem tudo caro, como se não lhe percebemos o jôgo e os não vissos gordos que nem usavam.

Na enfermaria de Santo Alberto deu ontem entrada Joaquim Mendes, carpinteiro, natural de Arouca, residente na travessa Ilha do Grilo, 2. loja, que na rua da Manutenção do Estado é um dos grandes armazéns que juntamente vendem tudo caro, como se não lhe percebemos o jôgo e os não vissos gordos que nem usavam.

Na enfermaria de Santo Alberto deu ontem entrada Joaquim Mendes, carpinteiro, natural de Arouca, residente na travessa Ilha do Grilo, 2. loja, que na rua da Manutenção do Estado é um dos grandes armazéns que juntamente vendem tudo caro, como se não lhe percebemos o jôgo e os não vissos gordos que nem usavam.

Na enfermaria de Santo Alberto deu ontem entrada Joaquim Mendes, carpinteiro, natural de Arouca, residente na travessa Ilha do Grilo, 2. loja, que na rua da Manutenção do Estado é um dos grandes armazéns que juntamente vendem tudo caro, como se não lhe percebemos o jôgo e os não vissos gordos que nem usavam.

Na enfermaria de Santo Alberto deu ontem entrada Joaquim Mendes, carpinteiro, natural de Arouca, residente na travessa Ilha do Grilo, 2. loja, que na rua da Manutenção do Estado é um dos grandes armazéns que juntamente vendem tudo caro, como se não lhe percebemos o jôgo e os não vissos gordos que nem usavam.

Na enfermaria de Santo Alberto deu ontem entrada Joaquim Mendes, carpinteiro, natural de Arouca, residente na travessa Ilha do Grilo, 2. loja, que na rua da Manutenção do Estado é um dos grandes armazéns que juntamente vendem tudo caro, como se não lhe percebemos o jôgo e os não vissos gordos que nem usavam.

Na enfermaria de Santo Alberto deu ontem entrada Joaquim Mendes, carpinteiro, natural de Arouca, residente na travessa Ilha do Grilo, 2. loja, que na rua da Manutenção do Estado é um dos grandes armazéns que juntamente vendem tudo caro, como se não lhe percebemos o jôgo e os não vissos gordos que nem usavam.

Na enfermaria de Santo Alberto deu ontem entrada Joaquim Mendes, carpinteiro, natural de Arouca, residente na travessa Ilha do Grilo, 2. loja, que na rua da Manutenção do Estado é um dos grandes armazéns que juntamente vendem tudo caro, como se não lhe percebemos o jôgo e os não vissos gordos que nem usavam.

Na enfermaria de Santo Alberto deu ontem entrada Joaquim Mendes, carpinteiro, natural de Arouca, residente na travessa Ilha do Grilo, 2. loja, que na rua da Manutenção do Estado é um dos grandes armazéns que juntamente vendem tudo caro, como se não lhe percebemos o jôgo e os não vissos gordos que nem usavam.

Na enfermaria de Santo Alberto deu ontem entrada Joaquim Mendes, carpinteiro, natural de Arouca, residente na travessa Ilha do Grilo, 2. loja, que na rua da Manutenção do Estado é um dos grandes armazéns que juntamente vendem tudo caro, como se não lhe percebemos o jôgo e os não vissos gordos que nem usavam.

Na enfermaria de Santo Alberto deu ontem entrada Joaquim Mendes, carpinteiro, natural de Arouca, residente na

